



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

RAFAEL ANTONIO DA SILVA MENDONÇA

**PARAÍSO, PURGATÓRIO OU INFERNO? A INVENÇÃO DE SERRINHA NA
DÉCADA DE 1960**

Campina Grande

2021

RAFAEL ANTONIO DA SILVA MENDONÇA

**PARAÍSO, PURGATÓRIO OU INFERNO? A INVENÇÃO DE SERRINHA NA
DÉCADA DE 1960**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado ao Departamento do curso de licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: ciências humanas

Orientadora: Prof. Dr. Hilmaria Xavier Silva

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M539p Mendonça, Rafael Antonio da Silva.
Paraíso, purgatório ou inferno? A invenção de Serrinha na
Década de 1960 [manuscrito] / Rafael Antonio da Silva
Mendonca. - 2021.
23 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmaria Xavier Silva ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Serrinha - Paraíba. 2. Antropologia. 3. Análise literária. I.
Título

21. ed. CDD 301

RAFAEL ANTONIO DA SILVA MENDONÇA

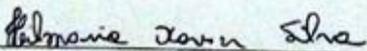
**PARAÍSO, PURGATÓRIO OU INFERNO? A INVENÇÃO DE
JURIPIRANGA/SERRINHA NA DÉCADA DE 1960.**

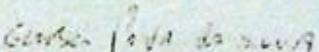
Trabalho de conclusão de curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do curso
de licenciatura em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

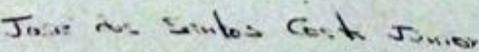
Área de concentração: Ciências
Humanas

Aprovado em: 03/06/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. HILMARA XAVIER SILVA (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. GLAUBER PAIVA DA SILVA
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)


Prof. Dr. JOSÉ DOS SANTOS COSTA JUNIOR
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho as pessoas que sempre estiveram ao meu lado, em especial aos meus pais que sempre foram guerreiros e acreditaram em mim e a minha querida e amada noiva, Ravyla, dona dos meus pensamentos até mesmo quando eles estavam mais em Certeau que nela. Não poderia deixar de dedicar também a meu tio Heleno, que esteja em paz.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	6
2 ORIGEM, INVENÇÃO DE UM PARAÍSO E INFERNO: REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO DE UM MESMO LOCAL.	9
2.1. Origem	9
2.2. Juripiranga	10
2.3. Período entressafas, ócio e a participação das mulheres	11
2.4. Paraíso e Inferno	12
3 WALDEMAR VALENTE E SERRINHA: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA.	13
3.1. Biografia	13
3.2. A Pesquisa e a obra	15
4 DESCONSTRUINDO AS REPRESENTAÇÕES CRIADAS SOBRE SERRINHA	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERENCIAS	21

PARAÍSO, PURGATÓRIO OU INFERNO? A INVENÇÃO DE SERRINHA NA DÉCADA DE 1960

Rafael Antonio da Silva Mendonça

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar e discutir as diferentes representações atribuídas a comunidade conhecida como Serrinha, assim como analisar a obra **Serrinha: Aspectos Antropossociais de Uma Comunidade Nordestina** do antropólogo Waldemar de Figueiredo Valente, e sua visão a respeito do local. Serrinha é o local em que se encontram o município de Juripiranga-PB e o distrito de Ibiranga-PE, divisões que só ficaram realmente claras após a emancipação de Juripiranga. Vamos analisar o período que se estende por praticamente toda a década de 1960 em que Serrinha ficou conhecida como Paraíso dos homens, ou ainda, Paraíso dos homens e inferno das mulheres. Veremos como o antropólogo Waldemar Valente vai ser atraído para essa comunidade e irá analisá-la sob critérios das ciências sociais e da Antropologia, com auxílio do Instituto Joaquim Nabuco, levantando dados e informações. Ao analisar a obra veremos em muitas passagens o antropólogo fazendo juízo de valor sobre o local, de forma, muitas vezes, ríspida, tal procedimento fará parte de sua análise. Veremos como os moradores da região reagiram ao termo pejorativo paraíso dos homens, dado a eles e ao local pelos viajantes e caminhoneiros. Discutiremos a visão do Antropólogo ao afirmar que Serrinha em vez de paraíso poderia ser inferno dos homens ou purgatório. Através de fontes bibliográficas faremos uma discussão utilizando também o pensamento de Michel de Certeau para entender como esse local foi inventado e quais representações foram criadas sobre os moradores e sobre o local. Representações essas feitas por pessoas que não conheciam ou conviviam em Serrinha. Iremos analisar também o discurso científico e juízo de valor feito pelo pesquisador pernambucano.

Palavras-chave: Serrinha; Paraíso dos homens; Waldemar Valente.

ABSTRACT

This article aims to analyze and discuss the different representations attributed to the community known as Serrinha, as well as the work *Serrinha: Anthroposocial Aspects of a Northeastern Community* by anthropologist Waldemar de Figueiredo Valente, and his view of the place. We will analyze the period that extends for practically all the 1960s in which Serrinha became known as Paraíso dos Homens or, Paraíso dos Homens and Hell da Mulheres. We will see how the anthropologist Waldemar Valente will be attracted to this community and will analyze it under the criteria of the social sciences and anthropology, with the help of the Joaquim Nabuco institute, collecting data and tabulated information or not, doing this procedure as well. When analyzing the work, we will see in many passages the anthropologist placing his judgment of value on the place in many ways harsh. We will see how the inhabitants of the region reacted to the pejorative term given to them by the travelers, Paraíso dos Homens, and we will discuss the conclusion of the Anthropologist by stating that Serrinha instead of paradise could be hell of men or purgatory. Through bibliographic sources we will make a discussion using the thought of Michel de Certeau to understand the tactics, representations and the invention of a community by people who did not know or coexist in the place, and the scientific discourse and value judgment made by the researcher.

Keywords: Serrinha; Men's paradise; Waldemar Valente.

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a visão do antropólogo Waldemar Valente acerca da região conhecida como Serrinha, em sua obra *Serrinha: Aspectos Antropossociais de Uma Comunidade Nordestina*. Para isso tomou-se como subsídio as produções de Jhonatan Alisson de Assis, intitulado *Paraíso dos Homens: da Estrutura familiar patriarcal à desconstrução do discurso pejorativo*, e Fernanda Rodrigues de Lima que tem como tema *O “paraíso dos homens” sustentado pelas mulheres: representações do trabalho feminino em Juripiranga- PB (1960-1970)*. Ambos TCC’S apresentados na Universidade Estadual da Paraíba nos anos de 2018 e 2014; nos departamentos de Geografia e História, respectivamente.

Paraíso dos homens é um termo criado para classificar pejorativamente Serrinha e os homens que nela viviam, surge graças aos olhares de pessoas que nada conheciam do contexto da região, apenas passavam rapidamente por ela e falavam do que viam, porém não conheciam. Viam uma ociosidade masculina que na verdade não era por escolha, mas forçada, e um trabalho feminino, ambos ostensivos. Serrinha na década de 1960 foi *inventada* (CERTEAU, 2008) pelos viajantes como paraíso dos homens e inferno das mulheres, algo que irá gerar revolta nos homens e constrangimento nas mulheres.

Durante aproximadamente seis meses, no período que vai de fins de Agosto a início de fevereiro, boa parte dos homens conseguiam emprego nos engenhos e usinas devido a monocultura açucareira, eram os seis meses em que a moagem estava em progresso. Ao fim da moagem os safristas tinham seu contrato encerrado, quando havia contrato, e estavam novamente sem emprego pelos próximos seis meses. Como não havia cumprimento das leis trabalhistas como na atualidade, e nem qualquer tipo de sustento provido pelo governo durante esse período, os homens se encontravam totalmente desamparados no período entressafras e assim com poucas condições de sustentar suas famílias. Esse era o quadro social em que estavam inseridos a maior parte dos homens de toda Serrinha. Todos os anos passavam pela inconstância de ora estarem empregados, ora desempregados. Por esse motivo havia o ócio forçado pela falta de empregos e de condições para desenvolver a agricultura, já que o período em que passavam desempregados coincidia com o período de estiagem.

Falar sobre esse período, que ocorre de maneira mais forte na década de 1960, é trazer a tona uma discussão sobre o período mais mistificado da história do município de Juripiranga, maior fatia do território de Serrinha e a parte mais “desenvolvida”, sendo Ibiranga até a atualidade um local mais carente de suporte sendo ainda um distrito de Itambé-PE.

O referencial teórico terá como principal fundamento a obra *A invenção do Cotidiano*, do Michel de Certeau (2008), buscando perceber como foi construída uma imagem sobre Serrinha, e como os moradores reagiram a essa imagem criada e forçada por quem não fazia parte do contexto local, e em alguns casos, nada conhecia da realidade dos moradores da região. O antropólogo Waldemar Valente, que aparentemente tentou conhecer mais da localidade através da pesquisa, deixou sua visão da comunidade registrada através de sua obra. O Objeto de pesquisa neste texto é a Serrinha dos anos 1960, ou mais precisamente duas visões criadas sobre o cotidiano dessa região neste período, uma de paraíso e outra totalmente oposta, de inferno. Entendendo cotidiano do ponto de vista de Michel de Certeau:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de

viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. (CERTEAU, 2008, p. 13)

Tentando escolher um objeto de pesquisa entre tantas possibilidades imaginei que a leitura do livro do Waldemar Valente poderia ajudar a falar sobre o local em que vivo, sobre a história do lugar que me rodeia. A leitura atenta do livro do antropólogo faz perceber os tantos momentos em que Waldemar Valente fez uma pesquisa com juízo de valor e quase que querendo uma Serrinha com mais investimento, mais desenvolvida, com mais higienização, quase que exigindo de uma localidade do interior o mesmo nível ou um nível próximo, de desenvolvimento, que havia em cidades modernas como o Recife, do qual ele provinha ou Campina Grande, a qual ele se dirigia. Waldemar por um momento parece ter tomado para si a missão de trazer uma melhora imediata para a vida da população de Serrinha. A partir daí tomei como missão produzir sobre a região conhecida como Serrinha, mais especificamente Juripiranga- PB, o município que junto ao Distrito de Ibiranga- PE ocupam o espaço geográfico que ficou conhecido como Serrinha, e contribuir não só para historiografia da localidade mas também para os estudos na perspectiva da História Local.

Para além de pensar nos símbolos que constroem uma localidade também é cabível pensar uma análise e desconstrução dos mesmos. Interessa pensar não apenas a forma como foi vista a Juripiranga dos anos 1960, mas também a forma como escreveram sobre ela. A análise e discussão neste artigo é sobre o discurso falado e o escrito (acadêmico), sobre Juripiranga, mas não apenas e especificamente ela, mas também toda a Serrinha.

Só após começar a trabalhar com história local entende-se o amor que quem trabalha com esse Domínio da História sente. Adilson Filho diz: “Não se fala de um lugar neutro, distante e abstrato, mas de onde viemos, trabalhamos, sofremos e gozamos”. (2019, p. 180) Por ser algo próximo da realidade em que quem produz se encontra, muitas vezes, quase como se fosse palpável, torna-se tão encantador.

A história local tem grande importância por possibilitar o espaço para expor estudos a cerca de locais e indivíduos que numa perspectiva histórica macro não apareceriam, somado a isso, podemos considerar sua importância para o fortalecimento ou mesmo criação de uma identidade e noção de pertencimento, como bem explicam os professores Flávio Carneiro e Luíra Freire, na apresentação do livro *Limites no Horizonte do tempo: textos em história local* (2020, p. 12) “A partir da segunda metade do século XX a história local reaparece mais forte do que antes, [...], passando, inclusive, a ser realçada sua importância quanto a noção de identidade, sobretudo, trabalhando as noções de pertencimento ao lugar”.

O que tínhamos antes era uma história nacional de grandes homens, brancos, europeus, uma história positivista que contava a história do Brasil a partir do ponto de vista eurocêntrico. Os paradigmas mudaram desde os *Annales*, revista de grande importância para a História, iniciada por Marc Bloch e Lucien Febvre, na França.

A proposta dos *Annales* e das correntes historiográficas do século XX em muito contribuíram para a produção da história local, quando em sua produção acadêmica buscavam escapar da mera comprovação da história geral e tentavam compreender os estudos regionais e o cotidiano das pessoas. (SANTANA; MONTEIRO, 2019, p. 12)

No Brasil o IHGB iniciou contando uma história nacional eurocêntrica, com heróis e grandes personagens, sem espaço para os negros, índios e (ou) mulheres como protagonistas. A história local possibilita buscar o *invisível*, como coloca Michel de Certeau (2008). Ela dá suporte para trazer à luz personagens que naturalmente não são considerados grandes ou importantes do ponto de vista macro, mas que são impares para história vista de baixo.

Nesse trabalho espera-se contribuir para essa linha de pensamento através de uma análise do livro *Serrinha: Aspectos Antropossociais de Uma Comunidade Nordestina*, do

Waldemar Valente, e dos trabalhos antes citados, desde já destacando que desconstruir e discutir as palavras do autor, sobretudo do Waldemar, jamais implicará em desvalorizar ou diminuir o trabalho feito, o livro do antropólogo é o único já produzido sobre a região e leva desde o título um nome que perdura até a atualidade, SERRINHA, nome que Juripiranga carregava desde sua origem até sua emancipação, quando ganhou a nomenclatura de Juripiranga, porém não deixou de ser conhecida pelo termo “Serrinha”. A importância histórica é ímpar, contudo, não é intocável.

Iremos tratar neste artigo da Obra do Antropólogo Waldemar Valente, publicada em 1971 sobre Serrinha, onde o mesmo se propõe a pesquisar e, da sua forma, tentar ajudar a região a ter uma melhora na qualidade de vida das pessoas, ou pelo menos chamar a atenção do poder público e entidades particulares para que de alguma forma, houvessem mudanças.

Conhecendo, em rápidas passagens, a caminho de Itabaiana ou de Campina Grande, o evidente abandono em que vive a população de Serrinha, pareceu-me que seria interessante um estudo objetivo de tal situação, nas suas particularidades mais significativas, não só aos olhos dos simples curiosos, mas dos pesquisadores sociais, para ela principalmente chamando a atenção dos poderes públicos, através de seus órgãos especializados. E não só dos poderes públicos, também de entidades particulares. Num e noutro caso, tornando-os mais sensíveis aos problemas ligados à vida e ao trabalho do homem e provocando soluções adequadas, visando melhores condições sócio-econômicas, inspiradas, senão nas sugestões, ao menos, nas conclusões decorrentes do próprio inquérito. (VALENTE, 1971, p. 22)

Waldemar faz uma pesquisa ampla sobre a localidade e o faz pois em suas passagens pelo local algo lhe chamou muito a atenção: “certo interesse prático, além do científico, inspirou a pesquisa, sob influencia de juízo de valor” (Valente, 1971, p. 22) Sobre esse interesse o autor continua “entre estes incluindo-se o desejo de averiguar a existência de matriarcalismo, embora residual, em alguns aspectos da dinâmica social”. (VALENTE, 1971, p. 22)

O autor vai compreender como sinais de matriarcalismo uma dinâmica social em que haja na figura feminina o provedor da casa, algo que comumente em municípios e vilas do interior é papel masculino. Ao ouvir e saber dos boatos, contados por viajantes que passavam pela rota Campina Grande-Recife que corta o município de Juripiranga (outrora Serrinha), sobre a possível existência de um ócio masculino e exagerado trabalho feminino, acabou por se interessar e, pesquisar sobre a região. No momento em que Waldemar toma conhecimento de tais boatos Serrinha estava sendo criada enquanto representação (falas pejorativas e boatos espalhados pelos viajantes) como um “paraíso dos homens e inferno das mulheres”. Fez muito mais do que averiguar um boato de mau gosto criado por viajantes, Waldemar produziu uma pesquisa ampla sobre a estrutura das famílias, as principais atividades econômicas, religião, condições das moradias, alimentação e etc. o antropólogo ao constatar as condições em que viviam os moradores de Serrinha logo definiu sua posição quanto a narrativa criada pelos viajantes, viu no lugar algo mais próximo de um inferno.

Analisar e problematizar a obra de Waldemar Valente assim como as representações impostas pelos viajantes, tomando também como referencia as duas produções que abordam o tema, será um esforço com intuito de acrescentar a historiografia mais um capítulo acerca da história Juripiranguense (antiga Serrinha), que ainda possui pouco material produzido e merece mais pesquisas e produções acadêmicas, devido sua singular trajetória.

No primeiro tópico iremos tratar da origem da região conhecida como serrinha até o período em que passou a ser chamado pejorativamente de Paraíso dos homens e, o motivo para tal termo. Em seguida vamos tratar da figura do acadêmico Waldemar Valente e analisar a obra que tomamos como principal fonte bibliográfica. No tópico seguinte vamos pensar a forma como Waldemar levanta os problemas sobre serrinha e como vê a localidade, quais discursos cria e a partir de que ponto de vista os expõe. Faremos uma análise a luz do

pensamento de Michel de Certeau (2008) a partir de conceitos presentes em sua obra A invenção do cotidiano. Por fim, nas considerações finais, uma última visão a cerca da invenção de Serrinha como paraíso dos homens e inferno das mulheres, ou ainda, como um completo inferno ou purgatório.

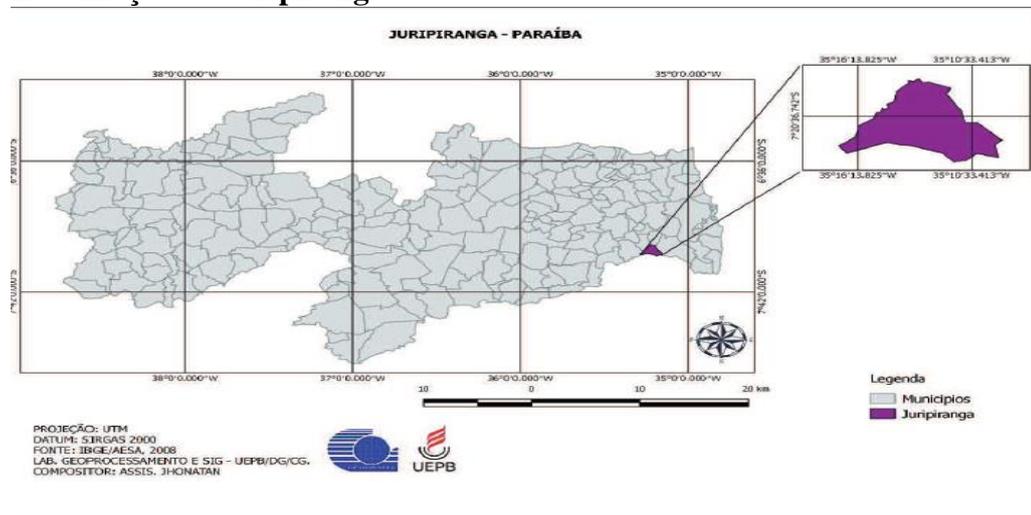
2 ORIGEM, INVENÇÃO DE UM PARAÍSO E INFERNO: REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO DE UM MESMO LOCAL.

2.1. Origem

Serrinha é o primeiro nome do município de Juripiranga, contudo, na época a vila vizinha conhecida atualmente como Ibiranga, por ser “colada” com Juripiranga acabou sendo também conhecida como Serrinha. Por tanto quando utilizamos a palavra Serrinha estamos nos referindo ao território onde estão localizados o município de Juripiranga e o então distrito de Ibiranga, sendo a primeira pertencente à Paraíba e Ibiranga à Itambé- PE. “Juripiranga está localizada na Mata paraibana, fazendo divisa com Mata Norte do Estado de Pernambuco, região dominada pela produção açucareira, produção essa que passa a ser intensamente cultural no município”. (ASSIS, 2018, p. 14)

Teve sua formação através da chegada de algumas famílias. A primeira família a se instalar foi a dos Gomes Tavares, em 1777, quando o território ainda pertencia ao município de Pilar- PB. O líder da família era Bras Gomes Tavares, que junto aos seus parentes se instalaram na parte leste do local e começou a ser chamada de Serrinha de baixo, essa nomenclatura perdura até os dias atuais e, infelizmente, é o local mais carente de ajuda, sendo chamado de favela e conhecido até mesmo em outros municípios como um local perigoso. O local onde teve início a história do município é hoje sinônimo de favela, pobreza e criminalidade.

Localização de Juripiranga



Fonte: ASSIS. Jhonatan Alisson de. 2018.

Posteriormente a família Chagas chegou a região e se instalou nas proximidades. Um ponto importante para que não haja confusão é que a divisa entre o Estado da Paraíba e Pernambuco fica quase no centro, contudo no contexto histórico que estamos discutindo, no início da história de Juripiranga, quando ainda era serrinha de baixo, até sua emancipação em 1961, não havia distinção entre Estados e não havia distinção de nomenclaturas, tudo era Serrinha, por isso a importância do nome até hoje como identidade da população, visto que quando alguém perguntado de onde é, a resposta na grande maioria das vezes é -“sou de

Serrinha”. Como trás ASSIS em Sua produção “[...], Ressalta-se que na época não havia no lugar a distinção dos Territórios dos Estados da Paraíba e Pernambuco, Serrinha representava ambos”. (2018, p. 13). Quando a família dos Ferreiras, vindos do Sertão, se instalaram na localidade, surgiu a Serrinha de cima, onde atualmente é a parte central do município de Juripiranga, onde está a prefeitura e grande parte das maiores lojas e do comércio do município.

O local tomou forma de vila quando chegaram ao lugarejo varias famílias atraídas principalmente, pela produção de algodão, assim foi chegando mais gente e se instalando na região. A produção de algodão gerara empregos, fez nascer uma vida econômica, era um meio de sobrevivência e de sustento para famílias que sofriam com a fome, falta de emprego e más condições de vida. A produção de algodão foi se tornando extinta quando a cana de açúcar passou a ser cultivada em toda a região, passando a existir uma monocultura.

Como em toda vila, município e local interiorano, a religiosidade era algo muito forte na sociedade desde o início da história de Serrinha, ela foi exercida pelos moradores através da construção de um cruzeiro, que passou a ser o local onde as festas religiosas aconteciam, era lá que os fiéis se concentravam, o cruzeiro tornou-se rapidamente um importante local de significado cultural e religioso. As pessoas viam em sua fé uma forma de gratidão e resistência em um local de poucas oportunidades e quase nenhuma ajuda dos governos.

2.2. Juripiranga

Em 1961 através da Lei N° 2.673 foi criado o município de Juripiranga, de mesmo nome da até então Vila que antes fora nomeada Serrinha. Como foi citado acima, no início da formação de Serrinha não havia distinção entre os territórios pertencentes a Paraíba e Pernambuco, todavia antes da emancipação de Juripiranga já havia esse nome distinguindo a parte de serrinha que pertencia a Pilar-PB.

Ainda a respeito do nome do município de Juripiranga, o diário da união publicado em 6 de janeiro de 1944, trás o anexo n°. 5, do decreto-lei N.º 520, de 31 de dezembro de 1943, do Governo da Paraíba, onde há a Comissão Revisadora do Quadro Territorial do Estado que tem como objetivo “projeto de novas denominações para as cidades e vilas destinadas a substituir os topônimos repetidos, a vigorar no quinquênio de 1º de janeiro de 1944 a 31 de dezembro de 1948”. Neste documento a denominação anterior é Serrinha, pertencente a Pilar e a nova denominação proposta pela comissão passa a ser Juripiranga. A Lei N.º. 318, publicada pelo governo da Paraíba, de 7 de janeiro de 1949, que fixa a divisão administrativa e judiciária do Estado já trás nela a nomenclatura Juripiranga. Esses documentos mostram que mais de uma década antes da emancipação já havia uma divisão no corpo da região conhecida como Serrinha e a Serrinha de baixo e Serrinha de cima, que ocupavam o território pertencente ao município de Pilar, ganharam o nome de Juripiranga.

Considero importante a discussão ainda a respeito do significado do nome Juripiranga, que a prefeitura tem como slogan “Juripiranga, ave que canta” (do tupi), contudo no mesmo documento acima citado apresenta o seguinte trecho: *nome de uma lagoa próxima à localidade; provém de yuru- piranga, a boca ou a barra vermelha*. É possível dizer que o nome vem da borda do açude ser composta por barro vermelho e o nome ser uma herança indígena. Contudo a localização desse açude é incerta pois antigos moradores afirmam que havia um açude na parte central da Antiga Serrinha, há também um localizado no Freitas, uma fazenda nas proximidades, e ainda um que tem em sua borda barro vermelho, conhecido inclusive como açude do barro vermelho. Todavia seria achismo afirmar qual deles foi o inspirador da nomenclatura.

Fato é que por algum motivo o nome Juripiranga foi traduzido como AVE QUE CANTA e está estampado até os dias atuais em todos os prédios da prefeitura. Não se sabe se por visualmente ser mais bonito, se por simples erro de tradução ou quais interesses poderiam

haver por trás de tal escolha, fato é que a tradução errônea nega o verdadeiro significado e tira da história do município o entendimento de haver ali uma herança indígena que perdurou até a atualidade.

Dados do IBGE estimam que a população em 2020 contava com 10.793 pessoas. O município está localizado na Mesorregião de Mata Paraibana. As principais atividades econômicas na atualidade girão em torno principalmente do cultivo da cana de açúcar, sobretudo durante a Safra, também da metalúrgica MGS e do comércio local, que nos últimos anos vem crescendo. Na década de 1960, contudo, não havia a metalúrgica ainda, não havia um comércio em crescimento, o que havia eram os engenhos de cana de açúcar e as usinas, das quais a maior e mais importante é a Usina OLHO D'ÁGUA, que só proporcionavam empregos durante as safras. Dentro da cidade haviam poucas oportunidades de emprego e a população girava em torno de 5000 habitantes.

2.3. Período entressafras, ócio e a participação das mulheres

O período entre safras, como vamos chamar, é conhecido como o período em que os homens estão “parados”, ou seja, desempregados. Algo que desde 1960 não mudou é a falta de emprego quando a safra termina, esta tem duração de aproximadamente seis meses e é o sustento de muitas famílias, inúmeros homens que não conseguem ter sua carteira assinada por tempo indeterminado e ao fim dos seis meses fica sem emprego. Ocorria que ao fim da safra coincidentemente era o período de seca, então as atividades de plantação de alimentos também ficavam fora de cogitação, ocasionando assim um ócio forçado ou a coragem diante da situação para migrar sentido sudeste, principalmente, em busca de alguma oportunidade totalmente incerta de emprego.

Durante os seis meses pós-safra os homens não tinham como desempenhar nenhuma atividade rentável, mas como explicado, por falta de meios para isso e não por escolha. As mulheres, ou grande parte delas, faziam do artesanato da palha uma atividade rentável, mesmo que pouco, no intuito de ajudar no sustento da casa. A divisão do trabalho e a forma como as pessoas se inseriam no contexto desse período entre safras era um pensamento coletivo, e segundo Certeau: “A coletividade é um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro”. (CERTEAU, 2008, p. 47) Tal atitude quando vista por viajantes levou a crença de que ali havia um ambiente em que os homens não trabalhavam e as mulheres sim, daí vai surgir um termo pejorativo forte, a partir da visão de quem apenas passava no local mas nada conhecia, um discurso que criava homens preguiçosos onde na verdade o que havia era falta de oportunidade e em vez possíveis sinais de matriarcado, como teria pensado Waldemar, poder existir, na verdade havia apenas uma minúscula ajuda financeira na quase inexistente renda. Criava-se um paraíso dos homens.

As atuais condições de vida e de trabalho da comunidade de Serrinha alarmam qualquer observador, mesmo desarmado da técnica e da experiência do pesquisador social. Serrinha, em vez de PARAÍSO DOS HOMENS- apelido de significação humilhante, pejorativo, injustamente criado pela malícia de motoristas e calungas de caminhões, em face da aparentemente ostensiva ociosidade dos homens, em contraste com a também aparentemente ostensiva atividade artesanal das mulheres bem que poderia ser apelidada, se não de INFERNO, ao menos de PURGATÓRIO, sem exclusivismo de sexo e de idade, à espera de resgate. (VALENTE, 1971, p. 22)

O artesanato, herança indígena do grupo Cariri¹, era comum entre as mulheres e no período entre safras se tornava uma das poucas atividades rentáveis, ainda que pouco,

¹ Waldemar trás a informação de que na área geográfica de Serrinha, no começo da colonização em fins do século XVI, havia a ocupação do grupo linguístico Cariri, que aos poucos foram expulsos por portugueses e

exercida por alguém da família, já que em Juripiranga e em toda a região faltavam oportunidades de emprego. Os trabalhos em Juripiranga tinham uma divisão relacionada ao sexo, mesmo que de alguma forma as mulheres conseguissem driblar alguns aspectos do machismo, ao conseguirem lidar e não serem coagidas diante de tantas provocações aos homens pelas representações impostas a eles, a elas e ao local, ainda assim havia uma defesa a ser feita pela representação que os habitantes de serrinha tinham de si mesmos.

Os depoimentos nos mostram como se dá na fala das artesãs sua relação com as representações, que englobam todo o contexto destas mulheres. Primeiro tem-se uma representação dado ao lugar e espaço em que vivem estas mulheres, segundo a representação que é dado a elas, mulheres artesãs que trabalha de modo a sustentar ou servir os homens, em terceiro temos as varias representações aos homens primeiro devido a sua ociosidade e mesmo aqueles que trabalham com o artesanato são impressos sobre eles uma representação de “mulherzinha”, como explicitado por uma entrevistada. (LIMA, 2014, p. 16)

Os homens, segundo o trabalho de Lima (2014), se sentiam oprimidos de certa forma se exercessem essa atividade pois era vista como feminina, o que constata uma sociedade extremamente machista, mais um motivo para se quer poder imaginar matriarcado em tal local. “Todas as manifestações sociais respondem a uma manifestação sexuada, cada parceiro desempenha o papel previsto pela sua definição sexual nos limites que a conveniência lhe impõe”. (CERTEAU, 2008, p. 57) Considero cabível o conceito de conveniência de Certeau nesta situação, pois as mulheres ao reconhecerem seu papel pouco protagonista em meio a uma sociedade machista, se utilizavam da “tática” da prática de produção de chapéu de palha e conseguia certa notoriedade e até mesmo liberdade, pois se locomoviam para feiras em toda a região para vender os chapéus. Ainda segundo Certeau podemos entender o conceito de conveniência como:

A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar” (saber “comporta-se”, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana. (CERTEAU, 2008, p. 39)

Ao que tudo indica, inclusive na atualidade, tornou-se “cultural” os homens serem safristas², na Juripiranga de 1960 e em toda a Serrinha ficou naturalizado o ócio por seis meses pelos homens e esses tinham opções limitadas, saiam mundo afora em busca de oportunidades de trabalho ou tentavam através de pequenas atividades conseguir algum sustento, incluso nessas atividades o artesanato da palha.

2.4. Paraíso e Inferno

Quando viajantes passavam por Juripiranga, pois é rota entre Campina Grande-Recife, e começaram a perceber as mulheres costurando chapéus de palha ou fazendo tranças de palha de carnaúba em suas calçadas e os homens num aparente e ostensivo ócio, denominaram pejorativamente o local de Paraíso dos homens e inferno das mulheres. Criaram

mazombos, ou aculturaram-se e miscigenaram-se no processo de penetração e violação da terra enquanto resistiam e lutavam. Waldemar extrai e referencia essa informação de uma obra clássica sobre a Paraíba intitulada NOTAS SOBRE A PARAÍBA, do Irineu Joffily, datada de 1892.

² Trabalhar apenas por seis meses, durante a safra, por contratos de safra.

a imagem de homens beberrões e preguiçosos. Um termo criado para denegrir a imagem dos indivíduos do sexo masculino e da região, que ficara conhecida por possuir homens preguiçosos. Um narrativa criada a partir do outro, estranho a realidade local, uma imposição de uma imagem e representação, construída e inventada sobre um local. Contudo “A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários”. (CERTEAU, 2008, p. 40)

Não queremos discutir se os homens eram ou não preguiçosos, fato é que estavam desocupados por um período não por escolha, mas por imposição das condições de trabalho. Mesmo quando conseguiam um trabalho no campo o empregador não permitia que fosse completada a semana para que não fosse recebido o remunerado. Não havendo uma legislação trabalhista que se fizesse cumprir para eles e amparo algum governamental, sobrava a esses homens por grande parte dos dias no período de estiagem e termino da moagem, o ócio, que por ser aparentemente ostensivo no local em que os viajantes passavam, começaram os xingamentos e provocações. Algo que não foi bem recebido e nunca aceito pelos moradores, que recebiam tais palavras com revolta.

O paraíso que foi inventado era um local em que homens não trabalhavam mas isso diz para nós também um pouco da concepção que aqueles viajantes tinham sobre o que seria um paraíso para os homens, enquanto que para as mulheres sobrara o inferno pois teriam de assumir uma responsabilidade que era dada aos homens. Os viajantes inventam uma imagem a partir de si próprios e nada sabem sobre o contexto socioeconômico do local, projetando uma representação da região e dos moradores que, ao menos o termo paraíso, não seria cabível, contudo a de inferno, como veremos, será encaixado tanto para mulheres quanto para homens, que viviam no mínimo em um purgatório.

3 WALDEMAR VALENTE E SERRINHA: UMA ANÁLISE NECESSÁRIA.

3.1. Biografia

Waldemar de figueiredo valente³ tem uma formação acadêmica vasta e respeitável, foi medico, farmacêutico, antropólogo, sociólogo, etnólogo, professor, pesquisador, humorista e escritor. Nasceu em Boa Vista, Recife, em 1908. Teve uma infância comum, quando adolescente foi boêmio e participante da política. É um homem deveras interessante e que trás certa satisfação em conhecer e poder estudar uma de suas obras, ainda mais sabendo que escreveu e pesquisou de forma bastante competente sobre o Serrinha, que ainda possui permanências de questões que Waldemar de Figueiredo levantou.

Se formou em farmácia com 18 anos e em medicina com 23, ambas pela universidade de Recife. Iniciou a vida profissional como médico, foi o primeiro médico pernambucano a aplicar a penicilina. Graças ao Trabalho viajou pelo sertão, conhecendo os problemas e a vida dos seus habitantes. Quando voltou a Recife tornou-se professor, Foi professor da universidade federal de Pernambuco, universidade católica de Pernambuco, professor catedrático do instituto de educação e do ginásio pernambucano e do instituto de higiene de Pernambuco. Animado com a ocupação de professor criou o Ateneu pernambucano, o primeiro a manter curso noturno equipado. Waldemar foi ainda diretor do Ginásio pernambucano, do instituto de educação, do anexo João Barbalho, do departamento de antropologia do instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais⁴, do serviço de educação

³As informações bibliográficas presentes nesse texto foram extraídas dos seguintes endereços eletrônicos: <https://www.pe-az.com.br/editorias/biografias/w/621-waldemar-valente?> E <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?> (este ultimo por algum motivo no momento em que produzo esse texto está fora do ar)

⁴A instituição, como surgiu, foi idealizada por Gilberto Freyre em 1947, em 1949 ganhou esse nome em homenagem ao político abolicionista.

sanitária e do departamento de Bioestatística – DSP, de Pernambuco. Fez parte de um seleto grupo de notáveis africanistas que se destacaram na área desde o primeiro congresso Afro-Brasileiro em 1934, iniciativa tomada primeiramente por Gilberto Freyre⁵, membro da academia pernambucana de letras⁶. Entre as dezenas de obras publicou; *sincretismo religioso Afro-Brasileiro* (1955), seu mais famoso livro. Waldemar faleceu em 1992 no Recife.

Waldemar se interessou e acabou empreendendo uma pesquisa na localidade conhecida como Serrinha, então seu objeto de estudo é a comunidade conhecida como Serrinha no início da década de 1960, que lhe rendeu a obra *Serrinha: Aspectos Antropossociais de uma comunidade nordestina*. Publicação de 1971 pelo instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Em uma de suas viagens algo nessa localidade chamou sua atenção o suficiente para trazer uma equipe, aplicar uma pesquisa e publica-la.

A presente pesquisa teve por objeto de estudo a comunidade de Serrinha, que conta, aproximadamente, com 5.000 habitantes. Tal comunidade, de um lado, identificando-se com Juripiranga, outrora distrito do município de Pilar, e hoje sede do município autônomo paraibano, de outro lado confundindo-se com Ibiranga, distrito pernambucano do município de Tambémé, constitui unidade sócio-cultural, facilmente identificável. (VALENTE, 1971, p. 19)

O foco do pesquisador na localidade é a vida das pessoas, a dinâmica diária em seus vários aspectos tais como cultura, organização social, religião, trabalho e lazer, ou seja, aspectos da vida e atividades humanas em geral. Algo que vai chamar muito sua atenção é a aparente ociosidade masculina e sinais de matriarcado, que segundo Waldemar, não é descabível graças a “herança” dos grupos indígenas Cariri, que em seu contexto social e familiar apresentavam sinais de matriarcado. Com relação ao trabalho, da foco a atividade artesanal de palha e fibra (uma atividade cultural, por assim dizer, na localidade). Faz uma análise de uma comunidade urbana ou semiurbana, a qual percebemos aspectos do campo e indícios modernos, ainda que pouco impactante na vida das pessoas e numa precariedade visível e sempre comentada pelo autor. A pesquisa mostrou alguns problemas específicos que ocorriam na região, Waldemar queria entender mais o contexto sociocultural de Serrinha. Em alguns momentos do livro, apesar do embasamento em dados coletados e ser muito descritivo, o autor da seu parecer, faz críticas e mostra descontentamento, como se tivesse um certo sentimento pela região ou pelas pessoas.

Certo interesse prático, além do científico, inspirou a pesquisa, sob influência de juízos de valor. Entre êstes, incluindo-se o desejo de averiguar a existência de matriarcalismo, embora residual, em alguns aspectos da dinâmica social. Conhecendo, em rápidas passagens, a caminho de Itabaiana ou de Campina Grande, o evidente abandono em que vive a população de Serrinha, pareceu-me que seria interessante um estudo objetivo de tal situação, sob forma de pesquisa sistemática, afim de descobri-la, nas suas particularidades mais significativas, não só aos olhos dos simples curiosos, mas dos pesquisadores sociais, para ela principalmente chamando a atenção dos poderes públicos, através de seus órgãos especializados. E não só dos poderes públicos, também das entidades particulares. Num e noutro caso, tornando-os mais sensíveis aos problemas ligados à vida e ao trabalho do homem e provocando soluções adequadas, visando melhores condições sócio-econômicas, inspiradas, senão nas sugestões, ao menos, nas conclusões decorrentes do próprio inquérito. (VALENTE, 1971, p. 22)

⁵Gilberto Freyre nasceu em 1900 e faleceu em 1987, foi um sociólogo, historiador e ensaísta, um grande intelectual do século XX. Sua principal obra é *Casa Grande e Senzala*, um importante livro para entender as bases da sociedade brasileira.

⁶Fundada em 26 de janeiro de 1901 por um grupo de intelectuais Pernambucanos tendo a frente Dr. Carneiro Vilela, a Academia Pernambucana de Letras seguia padrões da Academia Francesa, criada em 1635 por Luiz XIII.

Na realidade o antropólogo não estava fazendo nada além de se colocar como indivíduo que faria muito mais que uma pesquisa, mas por motivos que não especifica na obra quer trazer mudanças em todos os aspectos que vê um problema, e isso deve ser discutido pois diz que sua pesquisa quer descrever (Serrinha) não só “[...], em bases objetivas, o que ela é, mas, até o que se deve fazer, à maneira de soluções, ou talvez de sugestões, para que possa atingir melhor nível de vida”. (Valente, 1971, p. 22) deve ser discutido o fato do antropólogo não impor unicamente sua pesquisa como um fator de mudança e importância para que órgãos públicos sejam alertados da possível ou eminente situação precária em que se encontrava a população, contudo as palavras do antropólogo são ácidas, nos mostra que a sua visão da comunidade é de pessoas que não tem a mínima *dignidade e bem estar humanos*, como coloca o próprio Valente (1971, p. 22).

A representação de Serrinha que Waldemar apresenta é um local onde as pessoas sobrevivem sem o mínimo necessário para um ser humano viver. Na tentativa de dar soluções admite que vai utilizar critérios extracientíficos, “em face da possibilidade de mudanças culturais e de progresso tecnológico” (1971, p. 22). Percebendo as minúcias, é uma produção científica publicada por um instituto de renome e por um pesquisador já com uma longa carreira, utilizando termos como mudanças culturais. Mas a quais mudanças ele estaria se referindo? E onde essa mudança chegaria? A cultura, segundo Certeau, “Não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar” (CERTEAU, 1974, p. 9) analisando o pensamento de Michel de Certeau percebemos que não existe uma cultura única mas uma pluralidade e os indivíduos ressignificam a realidade imposta a eles e dão um significado, um valor para as práticas diárias no meio em que vivem. A cultura se reinventa, é heterogênea, não é estática, contudo o discurso que Waldemar Valente nos apresenta é de um indivíduo que chega com o intuito de levar uma comunidade a mudanças e a progresso, cultural e tecnológico. A cultura não é estática, de fato, contudo qual a mudança que Valente realmente quer para a cultura de Serrinha, seria ele, que não vive o cotidiano do local que deve participar dessa mudança ou ele deseja uma mudança que se aproxime a cultura que ele considera aceitável? A cultura não é algo fechado no pensamento de Certeau, contudo não existe cultura de elite que vai levar outra a mudar para tornar-se igual ou parecida.

3.2. A Pesquisa e a obra

A pesquisa tem enfoque antropológico e, como já foi citado, atentar-se para supostos sinais de matriarcado que na verdade jamais existiram porém acreditou-se que por haver sido um local de herança étnico-cultural cariri, não seria impossível. O autor irá fazer mais do que pesquisar, tentará buscar soluções para problemas de origens diversas vistos por ele durante a pesquisa. Pesquisa essa que os dados serão tabelados e apresentados ao longo do livro e também serão utilizadas informações percentuais e tabeladas fornecidas por órgãos públicos assim como pelo IBGE. A pesquisa foi feita com a ajuda do instituto Joaquim Nabuco e aplicada por duas equipes, utilizaram-se de entrevistas e questionários para desenvolver bases estatísticas, foram utilizados 300 questionários e feitas 17 entrevistas. Waldemar Valente sofreu com a falta de fontes documentais, problema até hoje enfrentado por quem se engajar em uma pesquisa sobre a localidade. Fontes e informações do passado da comunidade, independente de qual perspectiva se tomar, é quase inexistente. Ele deixa claro que age de acordo com a orientação que exige as ciências sociais, e se tratando da metodologia da preferência a utilização de entrevistas e questionários, principalmente para conseguir organizar estatisticamente as informações, algo que ele considera válido pela experiência já adquirida no ramo das pesquisas socioculturais.

A estrutura do livro conta com seis capítulos, sendo eles subdivididos em inúmeros tópicos separando cada ponto que o autor deseja discorrer. Os capítulos tem por título: I-

Características das Famílias pesquisadas; II- Migração e mobilidade social; III- Habitação; IV- Alimentação; V- Comunicação e interação social; e VI- Consciência grupal. O índice conta com a introdução, roteiro metodológico e análise e interpretação de resultados. O livro é repleto de tabelas e dados estatísticos, além algumas fotografias.

Serrinha: Aspectos Antropossociais de uma comunidade nordestina tem um peso, uma importância impar para historia da cidade de Juripiranga e o distrito de Ibiranga, não foi um livro escrito por um padre ou um individuo interessado em construir uma narrativa para interesses pessoais na vila ou município, foi escrito por um acadêmico que tinha como interesse desmistificar sinais de matriarcado e para isso desenvolve uma vasta pesquisa, procura formas de, junto a órgãos responsáveis, trazer desenvolvimento, faz juízo de valor encima das informações colhidas, põe Serrinha sob um olhar severo e carente de ajuda, por vezes como se fosse a única nessa região interiorana em más condições, ou por ser muito diferente da realidade recifense em que ele se encontrava ou ainda da realidade de Campina Grande ou Itabaiana, que ele encontraria logo a frente e tinha como destino. Waldemar Valente faz juízo de valor não apenas como alguém que está se importando com a localidade, mas percebe-se o incomodo profundo com as condições de vida que as pessoas tinham como normais, pois era aquilo que elas conheciam.

A interação social, quer direta, quer indireta, com os processos de que o homem moderno dispõe para comunicar-se, revela-se, tanto pelas respostas aos questionários como pelas entrevistas, aquém do mínimo normal que seria de esperar em uma sociedade humana vivendo em área urbana, embora sensivelmente influenciada pelo meio rural, no qual se acha encravada. (VALENTE, 1971, p. 137)

A partir de qual ponto de vista do moderno Waldemar se posiciona? O normal que ele espera era normal para quem? Para todas as vilas e municípios interioranos da Paraíba? Acredito que não na década de 1960. Seria então baseado na sua experiência social no Recife? Podemos dizer que sim, todos escrevem a partir de um lugar e ninguém consegue se desnudar de toda carga de vida que possui para que possa pesquisar e escrever. Waldemar, talvez, esperasse um grau mais elevado de sinais de modernidade numa comunidade que conseguiu sua emancipação em 1961, localizada no interior, com pouca diversidade econômica e poucas atividades rentáveis. O antropólogo mostra ter um profundo anseio pelo desenvolvimento do local, não se pode definir ao certo seus interesses pois não é lembrado na memória Juripiranguense ou Ibiranguense, era ele também um viajante, assim como os outros que deram “apelidos” ao local, que do ponto de vista acadêmico, criou sua narrativa do cotidiano daquela comunidade.

Como qualquer comunidade do interior a religião era presente na vida das pessoas e um aspecto de grande relevância, contudo as práticas religiosas, não apenas cristãs como a católica, mas principalmente de origem afro, serão mal vistas por Waldemar Valente quando chega para realizar sua pesquisa na localidade.

O fanatismo religioso, com tôdas as suas nocivas distorções psicológicas, com a Umbanda vem recebendo novos incentivos. O curandeirismo mágico está neste caso. Sua atuação aumentou consideravelmente. Com ela, a sua nocividade: agravando as doenças pelos próprios processos utilizados, ou impedindo a cura ou melhora às custas de tratamento medico ou cirúrgico. E não só isto: nocivo também à mente, pelo desencadeamento, sobretudo em indivíduos mais predispostos, de doenças nervosas e até de psicopatias. (VALENTE, 1971, p. 78)

Waldemar valente critica as práticas religiosas dos cidadãos por achar que se apegam demais e ela em meio aos problemas vividos, que de certo não é a solução por si só, mas na ausência de soluções, resta a fé, algo que talvez o discurso sanitário por si só não seja capaz de compreender. Tais palavras não são inocentes, não são proferidas apenas por se preocupar

com a saúde das pessoas, o antropólogo tece críticas fortes e diretas a Umbanda, como alguém incomodado com o que vê. Não haviam à época médicos atendendo na localidade, o próprio Waldemar Valente (1971) afirma não haver atendimento hospitalar e muito menos condições de alguém passar por cirurgia, contudo diz que o fanatismo religioso é o problema e joga ainda uma carga a mais sobre uma religião que até a atualidade é vista com olhares preconceituosos. Vale ressaltar que a fé é um dos pontos mais importantes da história de Serrinha, em Juripiranga a festa mais importante do ano é religiosa, a Tradicional festa de São Sebastião, festa realizada até a atualidade graças a concessão de um milagre, e a padroeira da cidade o é através da dádiva também de um milagre, que teve como promessa o terreno onde hoje se encontra a igreja.

Quando se depara com os boatos de um paraíso de homens e inferno de mulheres, Waldemar Valente mesmo sendo também um viajante, utiliza o conhecimento adquirido como pesquisador e impondo seu juízo de valor discorda da expressão pejorativa, contudo afirma que toda a Serrinha poderia ser vista como no mínimo um purgatório. Para ele “[...], em contraste com a também aparentemente ostensiva atividade artesanal das mulheres bem que poderia ser apelidada, se não de INFERNO, ao menos de PURGATÓRIO, sem exclusivismo de sexo e de idade, à espera de resgate”. (VALENTE, 1971, p. 22)

O antropólogo Waldemar Valente não vai se poupar nas fortes palavras ao comentar sobre boatos que criaram a imagem de um paraíso de um paraíso na História de Serrinha (ora falamos Serrinha, ora Juripiranga pois o termo paraíso dos homens foi aplicado a toda a região de Serrinha e é pouco provável que os viajantes tenham tido a mínima preocupação em saber nomenclaturas ou divisões geográficas), colocando em jogo sua visão sobre o local após pesquisar sobre a comunidade.

Podemos dizer que nessa fala Waldemar define sua visão sobre Serrinha, após conhecer o modo como vivem as pessoas percebe-se a aplicação do discurso sanitário e moderno em toda a serrinha, não apenas no município de Juripiranga.

Particularidade que não se deve subestimar é o desânimo que marca o tônus psicológico da população- talvez uma decorrência do estado de doença que compromete a vitalidade e a capacidade de reagir que parece conformada com a precariedade das condições de vida. Êste, pelo menos, aparente conformismo, tendendo a aceitação do status quo, parece exercer sobre a gente de Serrinha, que se limita a uma vida quase vegetativa, certo poder de inibição, impedindo que reaja e lute pela conquista do bem estar material e da felicidade de viver. Nada fazem para melhorar e pouco ou nada reclamam. O hábito do sofrimento tornou essa gente meio insensível e quase apática. Parece que faltam estímulos capazes de provocar o natural desejo humano de ter um lugar ao sol. De trabalhar e lutar por êle. Tal fenômeno deve resultar do abandono em que a população tem vivido. Da falta de assistência que lhe têm votado os governos. Da displicência das autoridades públicas, mais diretamente responsáveis. Das instituições e órgãos oficiais. Também de entidades particulares, leigas e até eclesiásticas, ao que desaparecidas dessa gente que vive em condições sócio-culturais tão humilhantes. Como aliás vem acontecendo com outras áreas e outras gentes do Nordeste Brasileiro. (VALENTE, 1971, p. 100-101)

O antropólogo fala que as doenças teriam tornado as pessoas aquém da vontade de mudar, sem força de vontade para lutar por um lugar ao sol. Apesar de no fim afirmar que tem acontecido com outras percebe-se que o descontentamento com Serrinha é imenso e veremos como isso será forte quando de tão incomodado com a, dita por ele, apatia dos moradores, procura os poderes públicos em busca de respostas, além de criticar de forma ríspida a qualidade em que as pessoas viviam.

[...], o evidente abandono em que vive a população de Serrinha, pareceu-me que seria interessante um estudo objetivo de tal situação, sob forma de pesquisa

sistemática, afim de descobri-la, nas suas particularidades mais significativas, não só aos olhos dos simples curiosos, mas dos pesquisadores sociais, para ela principalmente chamando a atenção dos poderes públicos, através de seus órgãos especializados. E não só dos poderes públicos, também das entidades particulares. Num e noutro caso, tornando-os mais sensíveis aos problemas ligados à vida e ao trabalho do homem e provocando soluções adequadas, visando melhores condições sócio-econômicas, inspiradas, senão nas sugestões, ao menos, nas conclusões decorrentes do próprio inquérito. (VALENTE, 1971, p. 22)

Fica evidente que Waldemar também inventa uma Serrinha e cria uma representação sobre o local como um todo baseado em sua experiência social num lugar “mais moderno” quando em suas palavras deixa transparecer sua visão de um lugar atrasado, de pessoas que para ele viviam num inferno ou purgatório e já estavam acostumadas com tal situação. A linha tênue entre o quanto ele supostamente se importou com o local e o quanto se incomodou não foi abordada por ele e não cabe neste artigo definir qual era o seu pensamento.

Waldemar Valente e os Viajantes e caminhoneiros tem por distancia um do outro os extremos discursos. Ambos inventam uma Serrinha e criam representações. O primeiro contrapôs o segundo criando um inferno e tentando provar em sua pesquisa que as pessoas viviam em verdadeira calamidade, o segundo, os viajantes, sem o mínimo conhecimento e sem qualquer pertencimento ou experiência do local, criaram um paraíso de homens preguiçosos e um inferno de mulheres que sustentavam os homens mesmo a venda dos produtos confeccionados com a palha de carnaúba sendo vendidas no valor de poucos centavos. Vale ressaltar que a inviabilidade da atividade artesanal, para além do seu estereotipo feminino, era um dos motivos pelos quais os homens não se empenhavam em tal ofício.

4 DESCONSTRUINDO AS REPRESENTAÇÕES CRIADAS SOBRE SERRINHA

Waldemar fala sobre uma população dócil diante de tudo que lhe ocorre, diante de tamanha peleja e se rendendo a um purgatório de doenças, falta de suporte por parte do Estado e de coragem para sair de tal estado. Waldemar da a entender que chega em Juripiranga e, conseqüentemente, em Serrinha, já quando houve a emancipação, ou seja, após o ano de 1961, sua produção contudo é publicada em 1971 então compreende-se que ele pôde, supostamente, ver a reação das pessoas, principalmente dos homens, durante o episódio do paraíso dos homens. Devemos então buscar nas entrelinhas, no invisível, como a população tida como dócil diante do que lhe ocorre, reagiu as imagens criadas sobre ela. “É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização”. (CERTEAU, 2008, p. 40)

Para a análise de Serrinha importa colocar em foco as relações sociais que compreendem os indivíduos, por isso analisar como inventavam seu cotidiano, e entendendo esse cotidiano como as operações singulares que os indivíduos produzem e que falam sobre o meio em que estão inseridos e sobre si mesmos. “A partir de um estudo dinâmico, que caminha entre grandes pensadores e entrevistas com pessoas comuns, Certeau exalta sentidos em práticas cotidianas que, outrora, passaram despercebidos”. (FREITAS, p. 207, 2014)

A população masculina não aceitou as constantes provocações e a representação do local como lugar de homens preguiçosos “Os moradores da cidade, por consequência, rebatiam as provocações com Violência”. (ASSIS, 2018, p. 7) os homens passaram a suportar cada vez menos uma imagem de preguiçosos e de mulheres exploradas ou acima deles, o que os impulsionou a protestar sobre aquelas imagens fabricadas através da troca de xingamentos e atirando pedras contras os ônibus. Devemos também lembrar que ao homem que fosse visto

pelos viajantes trabalhando no artesanato, era atribuído xingamentos e provocações como “Mulherzinha” (LIMA, 2014)

As mulheres, por outro lado, vistas como coitadas ou ainda, como revolucionárias, como coloca Assis, na verdade conseguiam através das praticas artesanais produzir secundariamente à imagem imposta, um contexto de certa independência dos homens, ainda que de forma extremamente silenciosa, pois conseguiam ainda que pouco, certa renda e viajavam por toda a região indo de feira em feira para vender seus chapéus. Na realidade, a expressão “revolucionárias” talvez precise ser usada realmente entre aspas para tentar explicar a imagem criada pelos viajantes, dado a realidade e contexto em que viviam tal expressão poderia ser um pouco precipitada. As mulheres de serrinha na década de 1960 não tinham a mínima brecha ou consciência de alguma forma alterar o status quo de uma sociedade machista e seu status enquanto mulher, de submissa, como era comum à época, porém através das táticas e astucias de utilizar algo que lhes era comum, o artesanato, poderiam conseguir dinheiro e “viajar” às feiras. Táticas que aparecem nas entrelinhas, conseguiam seu espaço sem que os homens da comunidade pudessem se sentir incomodados e fizeram isso em um período de constante constrangimento sofrido por parte de viajantes.

Então para além dos valores que eram pagos na mercadoria que elas vendiam estamos pensando em mulheres que ressignificaram as imposições sociais e deram significados próprios ao que viviam através das suas práticas no meio social. Os poucos centavos que conseguiam poderia no fim realmente não fazer diferença no sustento da casa e por isso não atraia os homens para tal atividade, contudo para as mulheres representava algo mais, tinha um grau de importância pois fazia-as sentir importantes para o meio em que estavam. As mulheres não foram dóceis ainda que dominadas por uma imagem de coitadas ou até “revolucionárias”. Como diz Certou “O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (2008, p. 38)

Assim percebemos que estas mulheres mostraram que não viviam a sombra de seus companheiros, o que poderíamos pensar que geraria conflito já que estamos falando num período histórico em que as mulheres ainda detêm pouca liberdade e estão começando a buscar seus espaços na sociedade. Mas esta busca por liberdade no contexto estudado não da para ser comparada a questões de outros lugares e espaços onde o feminismo ganhou espaço e destaque. Em serrinha este movimento de liberdade e autonomia visto nas artesãs é algo muito mais velado e silencioso ai neste ponto é preciso lembrar que nas décadas de 1960 e 1970, principalmente em cidades do interior ainda tínhamos costumes conservadores e machistas. (LIMA, 2014, p. 14)

Podemos concluir que as mulheres se utilizaram de maneiras de fazer pelas quais se reapropriaram de um discurso e agiram diferente da imagem construída para elas por parte dos viajantes. Não era uma mulher coitada vivendo em um inferno, eram mulheres que de forma consciente ou não do significado do que estavam fazendo, conseguiram fazer uma bricolagem dessa imagem imposta por um grupo que estava sempre em vigilância, fosse dos homens ou mulheres.

Os homens reagiram as provocações e apelidos pejorativos dos viajantes e a representação do Waldemar mostrando que em vez de dóceis eram indivíduos que não aceitariam constantes provocações por quanto tempo os viajantes achassem engraçado. Partiram para violência como forma de reagir a uma representação imposta por sujeitos estranhos ao local. A imagem difundida de Serrinha era de paraíso ou inferno, no mínimo um purgatório, contudo no cotidiano das pessoas, homens e mulheres, através de táticas e astucias, reagem cada um a seu modo, “maneiras de fazer” que alteravam a dinâmica social e os sujeitos que criavam as representações não percebiam, era invisível como no caso das mulheres, porém presentes e importantes. Waldemar valente e os homens que se deslocavam pela rota Campina Grande- Recife inventaram uma Jurupiranga através de um olhar estranho

ao contexto do local ou, em muitos momentos, através de um discurso sanitarista e modernizador. Contudo é no cotidiano, nas entrelinhas, no invisível, que pode-se perceber como esses indivíduos se reapropriavam dessas imagens e reproduziam uma secundária a sua maneira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir as diferentes formas que uma comunidade foi vista e representada, assim como ressignificada por seus habitantes, busco neste artigo discutir que não é por ser representada de uma forma que os cidadãos se enxergam daquela forma e o discurso científico não pode também ser tomado como lei pois o próprio autor é influenciado por seus ideais e neste caso em específico deixa claro e evidente em seu trabalho. A história é uma ciência que busca investigar, procurar os vestígios, o invisível, perceber nas entrelinhas onde o autor entrou com seu juízo de valor não apenas pensando no bem da população, mas num bem baseado principalmente no que ele considera digno para os seres humanos.

Quanto aos viajantes é evidente que tal discurso e criação de uma imagem para o local e para os moradores de um paraíso de homens preguiçosos e um inferno de mulheres exploradas precisava ser desconstruído, algo que foi feito com vigor primeiramente no trabalho de Jhonatan Alisson de Assis, e aqui busco contribuir para esse tema, para desconstrução não só do termo pejorativo (Paraíso dos Homens) mas também do discurso científico e juízo de valor do Antropólogo Waldemar Valente, e para a historiografia da cidade que outrora foi Serrinha e hoje é Juripiranga. Quanto a parte que pertence a Pernambuco, Ibiranga, praticamente não foi citada pois a rota Campina Grande- Recife que corta Serrinha (neste momento entendendo como a totalidade que engloba tanto paraíba quanto Pernambuco, ou seja, Juripiranga e Ibiranga) passa por Juripiranga, ou até mesmo na divisa, mas o discurso de paraíso dos homens ficou impregnado em toda a região de Serrinha.

A principal contribuição desse trabalho é analisar as falas do Waldemar valente nas minúcias, percebendo que o autor em alguns momentos trata as situações com base numa carga que ele trás do lugar ao qual pertence, e como não? e por isso o discurso sanitário forte e as ideias de o que é digno ou minimamente digno para um humano viver, serem expressadas de forma tão forte. Uma obra sem dúvidas essencial para quem deseja conhecer a história da cidade e da região, porém que necessita de uma visão crítica sobre. Este texto, assim como o livro em questão e as produções já mencionadas que abordam este e outros períodos da história de Serrinha, de Ibiranga e Juripiranga, são importantes na medida que contribuem para a História local e para o crescimento da historiografia e bibliografia da História dessa comunidade tão rica em histórias.

REFERENCIAS

ACADEMIA PERNANBUCANA DE LETRAS. **CRIAÇÃO DA APL**. Disponível em: <http://www.aplpe.org.br/criacao-da-apl/>

ANDRADE, Maria do Carmo. Cid Sampaio. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: < <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/> /

ANDRADE, Maria do Carmo. *Waldemar Valente*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>.

ASSIS, J. A. de. **Paraíso dos homens**: da estrutura familiar patriarcal à desconstrução do discurso pejorativo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I**: artes de fazer. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano II**: Morar, cozinhar. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus Editora, 1995.

ENTRELETRAS. FREITAS, K. A. S.. Resenha de CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. *Araguaína/TO*, v. 5, n. 1, p. 207, jan./jul. 2014

ETERNE EDUCAÇÃO. **INSTITUTO JOAQUIM NABUCO**. Fundaj. Disponível em: <http://interneeduca.com.br/5714-2/>.

FRAZÃO, DILVA. **GILBERTO FREYRE**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/

GRUPO OLHO D'ÁGUA. Quem somos. **Há 93 anos adoçando a vida dos pernambucanos**. Disponível em: <http://grupoolhodagua.com.br/2013/empresa.php>.

IHGB. **SERRINHA: ASPECTOS ANTROPOSSOCIAIS DE UMA COMUNIDADE NORDESTINA**, Waldemar Valente. Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/biblioteca/item/15612-serrinha-aspectos-antropossociais-de-uma-comunidade-nordestina-waldemar-valente.html>

JÚNIOR, Paulo R. Souto Maior. **Um passeio primaveril com Certeau**: nas pegadas do cotidiano e da cultura. *Cadernos de Clio*, Curitiba, n.º 3, p. 301-319, Dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cli/article/view/40404/24648>

LIMA, F. R. de. **O "paraíso dos homens" sustentado pelas mulheres**: representações do trabalho feminino em Juripiranga - PB (1960 - 1970). 2014. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

LUCIANO, Aderaldo. **O HISTORIADOR PARAÍBANO IRINEU JOFFILY**. Disponível em: <http://martinhoalves.blogspot.com/2013/03/o-historiador-paraibano-irineu-joffily.html>.

PREFEITURA DE JURUPIRANGA. **HISTÓRIA.** Disponível em:
<http://www.juripiranga.pb.gov.br/historia/>

SANTANA, Flavio Carreiro de; MONTEIRO, Luíra Freire (org.). **Limites no Horizonte do Tempo:** Textos em História Local. 1. Ed. João Pessoa- PB: Ideia, 2019.

VALENTE, Waldemar. **SERRINHA: ASPECTOS ANTROPOSSOCIAIS DE UMA COMUNIDADE NORDESTINA.** Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1971.

AGRADECIMENTOS

“Pra mim o mínimo do mínimo é dar meu máximo”

Filipe Ret

Agradeço primeiramente a Deus por tudo e por ter conseguido chegar até esse momento especial, sem ele não teria dado nem mesmo o primeiro passo nessa longa caminhada. Gostaria de agradecer de todo o meu coração a minha orientadora, um ser humano especial, uma mulher incrível e uma profissional exemplar. Sem ela eu não teria conseguido concluir este trabalho. Sempre prestativa e paciente, compreensiva e também sincera, além de uma orientadora, algumas vezes foi também motivadora. Terei gratidão eterna por ter aceitado me orientar. Para mim foi uma honra.

Jamais esqueceria de toda a “turma do ximbó”, também dos grandes amigos Gildo, Vilma, Maysa, Williane e Victor que sempre foram uma família pra mim, dos verdadeiros irmãos que fiz na Universidade e que não posso deixar de citar Alisson, Emanuel, Gustavo, Túlio, Matheus, Laiza, Mirelle, Daíse, Natália, Amanda e Beatriz. Todos vocês tornaram essa jornada chamada vida mais divertida. Também agradeço a Ingrid, uma amiga que apesar da distância se tornou uma inspiração. Muito obrigado a todos!

Agradeço a minha família pelo apoio, em especial aos meus pais que nunca deixaram de acreditar no meu sucesso. Espero não decepcionar vocês, Marcos e Isabel, tudo é possível graças a vocês. Agradeço a Ravyla Hellen, a meiga menina que me conquistou em 2017 e hoje é a dona do meu coração, não desistiu de um aspirante a historiador que precisou sacrificar um pouco do tempo que seria dela para escrever este artigo. Você tem meu amor eterno, meu bem.